

ENTRE A RELIGIÃO E A POLÍTICA: FAMÍLIAS DIRIGENTES DA CIDADE DE COLÔNIA E SUAS ESTRATÉGIAS DE ASCENSÃO SOCIAL NA IDADE MÉDIA TARDIA

BETWEEN FAMILY AND RELIGION: COLOGNE'S RULING CLASS AND ITS STRATEGIES FOR SOCIAL PROMOTION IN LATE MIDDLE AGES

Cybele Crossetti de Almeida¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: A religiosidade como parte integrante da vida política e econômica do período medieval já é, hoje, um dado incontestável. No entanto, são relativamente escassos os estudos que façam esta associação para o estudo do meio urbano medieval, onde, como se pretende demonstrar, a religiosidade deve ser pensada não apenas como parte integrante da vida social e política, mas, inclusive, como uma variável nas estratégias de busca e manutenção de status e poder das famílias dirigentes. Isso é visível, por exemplo, através da análise de testamentos e livros de registros de imóveis. A destinação de um maior número de filhos para a vida religiosa nas famílias mais numerosas evidencia uma preocupação com a divisão da herança e manutenção de determinado status social. Já as práticas caritativas, além de seus méritos religiosos, fixavam o nome do doador e sua família na arquitetura e na vida social da cidade e consolidavam sua posição social. Estes são elementos que reforçam a noção de certo pragmatismo na vida religiosa deste período, além de ser mais um indicio da influência do modelo de comportamento da nobreza sobre a elite urbana.

Palavras-chave: religião; política; famílias dirigentes.

Abstract: The religiosity, as an integral part of the politic and economic life in Middle Ages is, nowadays, an unquestionable fact. However, only few studies make this association in the study of the urban medieval context, where, as will be demonstrated, the religiosity should be thought not only as integral part of the politic and economic life, but also as an element used by the ruling class in the strategies to obtain and maintain status. This can be seen, for instance, through the analysis of testaments, registration of the property books, (land and buildings register). The destination of a greater number of sons and daughters to religious life in the most numerous families indicates a concern with the inheritance and maintenance of the status. The charitable practices, besides their religious merits, had the role of distinguish the name of donor and his family in the city's architecture and social life and consolidated his social position. These elements reinforce the notion of certain pragmatism in the religious life in this period, besides of being a further indication of the influence of the nobility's model in the urban elite.

Key-words: Religion; politics; ruling classes.

Recebido em: 15/04/2013

Aprovado em: 07/06/2013

¹ E-mail: ccrosset@terra.com.br

Ao contrário da imagem geralmente associada à Idade Média, religiosidade e moralidade não eram valores onipresentes, que dominavam corações e mentes como se os homens e mulheres daquela época fossem robôs sem vontade própria e não seres de carne e osso como nós, necessariamente diferentes e reagindo diversamente diante da religião, da vida e da morte. Embora a religiosidade seja um componente essencial desta sociedade, ela sofreu modificações ao longo do período e, em nenhum momento, podemos imaginar que todos os indivíduos se relacionassem da mesma maneira com este tema. A inexistência desta homogeneidade é visível, por exemplo, através da análise de testamentos e outros instrumentos de realização das doações, como os *Schreinsbücher*. Estas fontes mostram uma grande diversidade na forma como eram efetuados os “arranjos para além da morte”, com alguns indivíduos deixando vultosas doações para a igreja, outros não deixando **nada** e, entre estes dois extremos, uma grande quantidade que deixa quantias médias ou pequenas, que são descritas por Kuske como simbólicas².

Fontes privilegiadas para a análise desta problemática, os testamentos da cidade de Colônia são bastante numerosos: de 1280 até o final do século XVIII foram preservados 10.327 testamentos³. Para a Idade Média tardia (fins do século XIV e início do século XVI, período abordado neste estudo) existem cerca de 1.500 testamentos. Destes, Bruno Kuske editou 282. Dos testamentos aqui utilizados, alguns são originais, não trabalhados por Kuske, e muitos provêm do levantamento deste autor. Mais recentemente Brigitte Klosterberg trabalhou com testamentos de leigos e clérigos da cidade de Colônia com o sugestivo título: “Para a honra de Deus e o bem da família”⁴. E, ao analisarmos os testamentos do período, percebemos que eles são tanto um ajuste de contas com a divindade frente à iminência – ou à ideia da iminência - da morte, quanto um ajuste de contas terreno, com a família⁵, e outros indivíduos, inclusive credores e devedores. Neste último aspecto,

² KUSKE, Bruno (Org.), *Quellen zur Geschichte der Kölner Handels und Verkehrs im Mittelalter*. Düsseldorf: Publikations 33, 1978. (Reedição de 1978, originais: Bonn, 1917-1934).

³ Dados até março de 2009, quando o arquivo da cidade de Colônia ruiu. Desde então várias equipes internacionais têm trabalhado no resgate e recuperação de documentos, mas não há números confiáveis sobre o que foi possível resgatar e recuperar.

⁴ KLOSTERBERG, Brigitte. *Zur Ehre Gottes und zum Wohl der Familie, Kölner Testamente von Laien und Klerikern im Spätmittelalter*. Colônia: Janus, 1995.

⁵ Os testamentos não editados são mencionados conforme o seu número de registro no arquivo de Colônia, como o os exemplos abaixo. Vários destes testamentos mencionam o desejo de evitar brigas entre filhos e, eventualmente, netos, como o de Wyenamis von den Byrboume e Grietgin, de 1431, Test. B 3/449; ou o de Johan von Byse, o velho, de 1501, Test. B 3/476.

inclusive, os dois aspectos mostram-se em geral inseparáveis, já que a preocupação com dívidas envolve tanto o aspecto material e moral quanto, e talvez, sobretudo, espiritual: a preocupação com o dia do ajuste de contas final com a divindade manifestada ainda mais visivelmente naqueles indivíduos que desempenharam atividades ligadas ao comércio e que, por isso, tinham uma noção mais nítida da necessidade destes acertos⁶. Assim, ficamos tentados a colocar a questão até que ponto a religiosidade ou cálculo político⁷ determinavam as ações dos indivíduos. Claro que a preocupação com a morte e o *post mortem* estava presente e é visível na fórmula inicial de muitos dos testamentos de Colônia com a expressão “porque ninguém pode escapar nem fugir da morte”⁸, bem como nas frequentes disposições sobre o túmulo e as missas após a morte, por vezes encomendadas para o indivíduo ou seus pais, muitas vezes na forma *ad aeternum*,⁹ tema que já foi abordado por Chiffolleau¹⁰. Esta preocupação com o cumprimento das vontades finais envolvia desde a definição do local para o túmulo, geralmente em uma igreja ou capela, a encomenda de missas para a salvação da alma do testador ou seus parentes e a disposição sobre os bens móveis e imóveis a serem doados a parentes, amigos, empregados, instituições de caridade, igrejas e ordens religiosas. Muitas vezes as disposições testamentárias sobre bens imóveis eram registradas nos *Schreinsbücher*, de modo que para alguns testamentos temos apenas a versão resumida nestes livros.

⁶ Trabalhei esta questão em ALMEIDA, C. C. Ética cristã, riqueza e poder: reflexões sobre a elite dirigente da cidade de Colônia na Idade Média tardia, In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH, 2009, Fortaleza. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História – ANPUH*. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0936.pdf>.

⁷ A religiosidade permeava todos os aspectos da vida social, política e econômica na Idade Média, de modo que é muitas vezes difícil analisar estes aspectos separadamente, como demonstra o artigo de CHIFFOLEAU, Jacques. Entre le religieux et le politique: les confréries du Saint-Esprit en Provence et en comtat Venaissin à la fin du moyen âge. In: LE MOUVEMENT CONFRATERNEL AU MOYEN AGE. FRANCE, ITALIE, SUISSE, 1., 1987, Lausanne. *Actes de la Table Ronde organisée par l'Université de Lausanne avec le concours de l'Ecole française de Rome et de l'Unité associée 1011 du CNRS " L'Institution ecclésiastique à la fin du Moyen Age "*. Lausanne: Ecole Française de Rome, 1987. p. 9 - 40.

⁸ “dat nemand dem doede untghain noch entlien mach”, como no testamento de Johann (VI) von Hirtze, de 1475, Test. H 3/695.

⁹ Como no testamento de Godert (IV) von Wasservasse, Test. W 3/101.

¹⁰ CHIFFOLEAU, Jacques. Sur l'usage obsessionnel de la messe pour les morts à la fin du moyen âge, In: VAUCHEZ, André. (Org.), *Faire croire: Modalités de la diffusion et de la réception des messages religieux du XIIIe au XVe siècles*. Table Ronde organisé par l'École française de Rome, 1981, Paris, p. 235-256.



Figura 1 - Monte do Calvário, doado pela família Wasservasse

Os *Schreinsbücher* são registros de diferentes tipos de negócios imobiliários, como compra e venda, transmissão por herança e outros¹¹. Mas, além dos dados econômicos em si, este grupo de fontes permite ao historiador lançar um olhar sobre as práticas e os valores de determinados grupos como artesãos, comerciantes e religiosos.

Muitas vezes estas fontes expressavam a preocupação com o status e o prestígio dos doadores, que faziam questão que seu nome, brasão ou figura aparecessem ou fossem mencionados nas doações. São comuns, por exemplo, as pinturas religiosas – como uma pintura do monte do calvário doado pela família Wasservasse para a sua igreja paroquial de St. Columba – nas quais o doador e sua família aparecem representados na cena sacra, como mostram as imagens ao lado e abaixo.

¹¹ Sobre este tema vide ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Os *Schreinsbücher* como fonte de pesquisa histórica e genealógica. In: III ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 3., 2001, Rio de Janeiro. *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais da ABREM*. Rio de Janeiro: Ed. Ágora da Ilha, 2001. p. 191 - 197. Os *Schreinsbücher* de Colônia permanecem, na sua imensa maioria, não editados. Uso aqui a forma tradicional de citação: o volume seguido da folio, como neste exemplo: Schrb. 133/88r.



Figura 2 - Família com brasão, detalhe do Monte do Calvário da fam. Wasservasse, canto inferior esquerdo.



Figura 3 - Família com brasão, detalhe do Monte do Calvário da fam. Wasservasse, canto inferior direito.¹²

¹² Figuras 1 a 3 retiradas de: SCHMID, Wolfgang, *Stifter und Auftraggeber im spätmittelalterlichen Köln* (Veröffentlichungen des Kölnischen Stadtmuseums, Heft XI), Köln, 1994, imagem nr. 60 no livro, referência no Wallraf-Richartz Museum in Köln nr. 65, disponível ainda em: http://de.wikipedia.org/wiki/Meister_des_Wasservass%E2%80%99schen_Kalvarienbergs, acesso em 09 de junho de 2013.

A análise das fontes demonstra também uma grande preocupação com a manutenção ou perda do prestígio social da família com os casamentos ou uniões com indivíduos considerados de status social inferior. Uniões que, apesar das tentativas de represália, eram mais comuns do que poderíamos pensar à primeira vista. Um exemplo neste sentido é o caso de Peter Hoerich, viúvo de Metza von Dauwe, que, após a morte desta, casou com uma empregada do casal, com quem teve um filho. No seu testamento de 1541 é visível a preocupação em afirmar que o casamento foi consumado e o filho, portanto, era legítimo e tinha direito à herança paterna¹³, algo que aparentemente ele temia que fosse contestado pelos parentes de sua primeira esposa. Preocupação justificada já que ele deixava para seu filho bens que vinham do patrimônio de sua primeira mulher, Metzgin von Dauwe, a saber: um terço da HOF zum DAUWE na Severinstrasse, incluindo a pequena casa de madeira junto àquela¹⁴.

A preocupação com o prestígio faz com que muitos dos testamentos fossem usados como instrumentos de pressão. Marie Suderman, no seu testamento de 1500, determina que o seu sobrinho, Hillebrant Suderman, deveria ser excluído do testamento, se ele casasse com Regina, que estava grávida dele¹⁵. O uso do testamento como instrumento de pressão parece ser algo normal na sociedade de Colônia em fins da Idade Média. Assim, no testamento de Jakob Forss e sua esposa Catharina von Plettenberg, de 1493, Catharina determina que o seu sobrinho, Peter van Plettenberg, que a servia como criado, receberia 50 Gulden “se ele casasse com sua empregada Stina”¹⁶. Neste caso o casamento com uma empregada aparece como desejável, ao contrário do caso dos Suderman e dos Dauwe, possivelmente porque esta família, ao contrário daquelas, não estava envolvida com política e tinha menos prestígio (a perder e a preservar) que aqueles. O caso mencionado no testamento de Jakob Forss e sua esposa Catharina poderia ser também uma espécie de compensação, para o caso de a empregada estar grávida, algo que não era incomum, como nos mostra um outro testamento. Através do testamento de Joeris Tack, filho de Sander e Idgin, de 1514, ficamos sabendo que Joeris engravidou sua

¹³ Testamento H 2 – 906.

¹⁴ Testamento H 2 – 906.

¹⁵ KUSKE, op. cit., Quellen III, p. 350.

¹⁶ Idem, ibidem, p. 248.

empregada Tryn, e que pretendia garantir que ela e o filho tivessem o seu futuro assegurado¹⁷.

Também era comum a prática de deserdar esposas que casassem uma segunda vez ou filhos que casassem sem autorização dos pais, como se pode ver na ameaça presente no testamento de Johann Bonenberg, de 1458, cuja esposa – uma vez viúva – perderia o direito à herança se casasse novamente; o mesmo sucederia à sua filha Stingin, “se ela casasse sem a concordância de sua família”¹⁸. Interessante é que essas disposições rígidas – mas não pouco usuais – vinham de um indivíduo que respondeu a um processo por trigamia¹⁹. Também o testamento de Johann (I) von Byse menciona que todos os seus netos casaram sem o conhecimento e consentimento dele e dos seus respectivos pais, e que por isso seriam deserdados²⁰. A exclusão da herança para filhos que casassem contra a vontade dos pais não era algo exclusivo da cidade de Colônia ou outras cidades alemãs²¹. Em Castela encontramos dispositivo semelhante no *Fuero Real* de Afonso X que afirma: “Si la manceba de cabellos casare sin consintimiento de su padre e de su madre, non parta con sus hermanos en la buena del padre nin de la madre, fueras ende si el padre o la madre la perdonaren.”²².

Também em Colônia o perdão era concedido, como podemos ler no testamento de Jelis e Drutgin van dem Broiche, de 1479. O casal deixa uma renda hereditária de 50 Gulden para seu genro, embora ele tenha casado com a filha do casal

¹⁷ Idem, ibidem, p. 352.

¹⁸ Idem, ibidem, p. 215-216.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 216.

²⁰ Testamento B 3/476, de 1501.

²¹ Para Köln vide STEIN, Walter (Org.). *Akten zur Geschichte der Verfassung und Verwaltung der Stadt Köln im 14. und 15. Jahrhundert* (Publ., Bd.10) Bonn: Hermann Behrendt, 2 vol., 1893-95; nas próximas citações, conforme o volume, STEIN, Akten II, p. 553-554 e ADERS, Günter, *Das Testamentsrecht der Stadt Köln im Mittelalter*, (Veröffentlichungen des Kölnische Geschichtsverein, 8) Köln, 1932, p. 89; para outras cidades alemãs, como Regensburg, Konstanz, Lübeck e Magdeburg, vide KÖBLER, Gerhard. *Das Familienrecht in der spätmittelalterlichen Stadt*. In: HAVERKAMP, Alfred (Org.). *Haus und Familie in der spätmittelalterlichen Stadt* 1984, p. 136-160. Aqui p. 140 et seq. Para uma visão geral vide ISENMANN, Eberhard. *Die deutsche Stadt im Spätmittelalter: 1250-1500*, Stuttgart, 1988, p. 294.

²² *Fuero Real* (Livro III, Título I, Lei V). A versão utilizada aqui é: AFONSO X, O SÁBIO. *Fuero Real de Afonso X, o Sábio: versão portuguesa do século XIII*. Edição de ALFREDO PIMENTA. Edição do Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, 1946.

contra a vontade deste²³. Casos como este deixam perceber que, mesmo com ameaças, algumas vezes os jovens desafiavam seus pais e faziam suas próprias escolhas. O mais comum, no entanto, era que eles se acomodassem à tradição e à vontade de seus pais. E essa vontade geralmente significava conseguir bons casamentos para os filhos, que trouxessem consigo riqueza, prestígio ou boas ligações políticas. Por isso a endogamia entre as famílias da elite da cidade é tão marcante, já que era uma forma de manter prestígio e riqueza num grupo social restrito.

As famílias das elites urbanas precisavam resolver dois grandes problemas: a manutenção dos seus componentes e nome e a preservação e ampliação da riqueza²⁴. Quando uma família era muito pequena, seu futuro e a continuação do seu nome estavam ameaçados. Porém, quando ela era muito grande o patrimônio era dividido em muitas partes e enfraquecido. Para garantir a manutenção ou a melhora de sua posição social e política, as famílias precisavam desenvolver estratégias que evitassem a fragmentação e diminuição do patrimônio familiar, já que, assim como poder e prestígio, a riqueza também tinha um papel importante na manutenção do status. Bons casamentos traziam riqueza, mas às vezes ocorria o inverso e era preciso gastar para obter bons parceiros para os filhos e filhas.

Embora no meio urbano o direito de herança²⁵ geralmente seguisse o antigo modelo germânico de divisão igual entre os filhos – em oposição ao sistema de

²³ KUSKE, op. cit., Quellen III, p. 215-216.

²⁴ Sobre este tema vide HERLIHY, David. *Medieval Households*, Cambridge/London: Harvard University Press, 1985, p. 83 e BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo, 1991, p. 44; segundo este autor em Veneza era comum o envio das jovens para os conventos para economizar o dote e muitos filhos permaneciam solteiros, o que representava um risco para a sobrevivência do nome da família. Mas, em algumas situações era possível casar um grande número de filhos e filhas, o que sinalizava a extraordinária riqueza de uma família, como era o caso da família Quattermart em Colônia no século XIV, a este respeito vide WINTERFELD, Luisa. Handel, Kapital und Patriziat in Köln bis 1400. In: *Pfingstblätter des Hansischen Geschichtsverein* (Lübeck) Blatt XVI (1925), pp. 3-83. Aqui, p. 22.

²⁵ HUFFMAN, Joseph P.. *Family, commerce and religion in London and Cologne: Anglo-German Emigrants, c. 1000-c. 1300*. Cambridge: 2002, p. 68. Para as cidades alemãs na Idade Média vide KROESCHELL, K., Erbrecht: Germanisches und deutsches Recht. In: *Lexikon des Mittelalters*, vol. III, col. 2105-2107; para exemplos das cidades de Regensburg, Konstanz e Göttingen vide KÖBLER, Gerhard. Das Familienrecht in der spätmittelalterlichen Stadt. In: HAVERKAMP, Alfred (Org.), *Haus und Familie in der spätmittelalterlichen Stadt*. Köln, Weimar, Wien, 1984, pp. 136-160. Aqui, especificamente, p. 141, 146 e 148. Mas para algumas cidades na França encontram-se evidências de uma tendência de privilegiar o filho mais velho na divisão da herança, como mostra o trabalho de Arlette Higonet-Nadal, vide HIGOUNET-NADAL, Arlette. *Familles patriciennes de Périgueux à la fin du moyen âge*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique/Centre Régional de Publication

morgadio que se impôs entre a nobreza feudal – pode-se notar traços de uma preocupação semelhante em relação aos bens familiares também nos grupos urbanos²⁶. Essa preocupação parece ter sido resolvida normalmente pelo que chamo “a solução da igreja”, que significa que alguns dos filhos eram, desde cedo, destinados à vida religiosa, como podemos perceber, por exemplo, em testamentos e *Schreinsbücher* de Colônia, pois, como afirma Militzer: "Quando alguém entrava em uma ordem religiosa e recebia para isso uma determinada quantia em dinheiro, não poderia mais reivindicar sua parte da herança"²⁷. Rütthing constata que ter parentes no meio do clero ajudava a assegurar um túmulo digno²⁸, mas mostra-se cético quanto à sua efetividade para aumentar o prestígio social de uma família. Oepen, por sua vez, identifica uma relação entre "motivos religiosos (...) com outros fatores, como a necessidade de representação e prestígio"²⁹, enquanto que Maschke verifica uma fusão destes aspectos³⁰.

Pois embora muitas vezes membros da família que tivessem ingressado na vida religiosa recebessem a mesma parte da herança, estes indivíduos - cujas condições de vida já estavam garantidas – desistiam freqüentemente da sua parte da herança em favor de pais ou irmãos que permaneciam como leigos. Os exemplos são inúmeros e se estendem por todo o período: em 1410 Catherine Schimmelpennig, freira em Mechten, entrega sua parte na casa zu der Moelen para seu irmão,

de Bordeaux, 1983, p. 55. Phillippe Wolff demonstrou que a família Ysalguier de Toulouse também utilizava a estratégia de dar uma quantia em dinheiro às filhas como compensação para excluí-las do resto da herança, WOLFF, Phillippe. Une famille du XIIIe au XVIe siècle: les Ysalguier de Toulouse. In: *Mélanges d'histoire sociale. Annales d'Histoire Sociale*, 1. 1942, p. 35-58. Aqui, p. 56. Estas são questões que necessitam de uma investigação mais ampla e coordenada para estabelecer resultados conclusivos.

²⁶ Hermann Kellenbenz destaca semelhanças entre as grandes companhias de comércio e as famílias da alta nobreza nestas questões, vide KELLENBENZ, Hermann. *Die Wiege der Moderne: Wirtschaft und Gesellschaft Europas 1350-1650*. Stuttgart: 1991, p. 166.

²⁷ MILITZER, Klaus. Von Köln nach Preußen: Kölner Bürgersöhne im Preußischen Zweig des Deutschen Ordens. In: RUSKY/POLSKA (Org.). *Europa: Festschrift für Zenon Hubert Nowak*, Torun: 1999, p. 199-210. Aqui, p. 203.

²⁸ RÜTHING, Heinrich. *Höxter um 1500. Analyse einer Stadtgesellschaft (Studien und Quellen zur westfälischen Geschichte Bd. 22)*. Paderborn: 1986, p. 300.

²⁹ OEPEN, Joachim. *Die Totenbücher von St. Maria im Kapitol zu Köln (Studien zur Kölner Kirchengeschichte. Hrsg. vom Historischen Archiv des Erzbistum Köln, 32. Band)*. Siegburg: 1999, p. 41.

³⁰ MASCHKE, Erich. *Die Familie in der deutsche Stadt des späten Mittelalters*. Heidelberg: 1980, p. 89.

Konrad Schimmelpennig³¹. Em 1437 Brun van der Arken, da ordem dos irmãos cartuchos, desiste de uma renda de 21 marcos a favor de seu irmão, Johann van der Arken³². Em 1463 Kathringen Butschoe, freira no convento de S. Maria e sua irmã Nesgin, freira no convento de S. Agatha, doam suas partes em casas e rendas da família para seu pai, Otto Butschoe³³. Em 1470, as irmãs Elsgin, Metzgin e Kathrine van Berenrode, freiras no convento zo Seyne, doam para seu irmão, Johann van Berenrode, suas partes nas casas Mertzenich e zo der Schyven³⁴. No ano de 1478 Belgin von Tzirne, freira do convento de S. Clara, dá a sua parte da herança – 1/3 de uma casa de madeira na Breiterstraße - para seu irmão, Alf van Tzirne e sua esposa Elsgin³⁵. Em 1511 os irmãos Wilhelm Rummel, da ordem dos dominicanos, Margrete Rummel, freira no convento zu Seine, Drutgin und Stingin Rummel, freiras no convento zu Zyssendorp, entregam, cada um, sua parte na herança da casa Rotstock e outros imóveis para seu pai, Johann Rummel³⁶. Em 1512 Margareth von der Landskrone, superiora do convento zo Engewalde, dá sua parte na herança paterna para seu irmão, Diederich von der Landskrone e Elisabeth, sua esposa³⁷. E estes são apenas alguns entre muitos exemplos.

A questão preocupação com a divisão dos bens da família por herança e a tentativa de preservar o patrimônio familiar pode ser observada também na análise comparativa das famílias Hirtze, Dauwe e Wasservasse, que – em relação ao tópico “vida religiosa” tiveram diferentes desenvolvimentos e estratégias, que deixam reconhecer motivos pragmáticos nas escolhas feitas.

As famílias Hirtze e Dauwe, famílias numerosas em comparação com os Wasservasse, destinaram mais filhos para a vida religiosa que esta última, na qual apenas um indivíduo com este sobrenome – possivelmente um filho bastardo – seguiu uma carreira religiosa, como pode-se perceber na tabela abaixo:

³¹ Schrb. 133/88r.

³² Schrb. 129/105v.

³³ Schrb. 1181/108v.

³⁴ Schrb. 129/124v

³⁵ Schrb. 164/231r.

³⁶ Schrb. 133/159v.

³⁷ Schrb. 368/68r.

Tabela 1

Famílias/indivíduos	Casados	Solteiros ou mortos jovens	Religiosos	Total
Hirtze	12	8	4	24
Dauwe	11	1	4	16
Wasservasse	7	2	1	11

Nesta tabela foram contabilizados apenas os membros das famílias que viveram no período de 1391 a 1513, já que a família Hirtze, a mais antiga das três famílias centrais deste trabalho, era, também por isso, a maior das 3 em números absolutos. Juntamente com a família Dauwe, os Hirtze são que mais destinam filhos para a vida religiosa. Interessante também é que na família Dauwe apenas filhas mulheres são destinadas para uma vida religiosa, enquanto que entre os Hirtze temos apenas uma freira – posteriormente abadessa – e três homens no clero secular. Os Hirtze tinham, no entanto, um número maior de filhos solteiros ou que morreram jovens, o que significa que a herança foi menos fragmentada. Além disso, precisam ser considerados outros fatores, como a riqueza de cada família.

Se tomarmos também o período anterior ao desta análise, percebemos que a família Hirtze, já em meados do século XIV, destinava filhos para a vida religiosa, como um Hermann von Hirtze, que foi padre da igreja de St. Peter³⁸ e uma Agnes von Hirtze, que foi Beguina³⁹. Na geração seguinte, entre fins do século XIV e início do XV, de 7 irmãos 3 entraram para a vida religiosa: Heinrich von Hirtze, cônego na igreja de St. Maria in Kapitol⁴⁰, sua irmã Nesa, abadessa no convento dos Martires⁴¹ e ainda o irmãos destes, Adolf von Hirtze, canônico na igreja de St. Severin⁴². Possivelmente também nesta geração surge um Johann von Hirtze, cuja

³⁸ BAUMEISTER, Wilhelm. *Das Kölner Patriziat bis 1396*, (fonte manuscrita no Arquivo histórico da cidade de Colônia (HASTK), sob o registro: Genealogische Abteilung, 1157, Nr. 98).

³⁹ BAUMEISTER, op. cit., p. 58.

⁴⁰ JOHAG, Helga. *Die Beziehungen zwischen Klerus und Bürgerschaft in Köln zwischen 1250 und 1350* (Rheinisches Archiv, 103). Bonn: 1977, p. 238, Nr. 69. Este Heinrich (I) von Hirtze morreu antes de 1387 e, por isso, ele não foi contabilizado na tabela.

⁴¹ Schrb. 136/135r und 136/135v.

⁴² Schrb. 136/135r und 136/135v.

filiação não foi possível especificar. Este Johann von Hirtze foi, como os irmãos Adolf e Heinrich von Hirtze, foi matriculado na universidade de Bologna em 1370⁴³, seguiu uma carreira a serviço da igreja. Inicialmente ele foi cônego na igreja de S. Severin em Colônia, posteriormente também em Speyer⁴⁴, após o que ele aparece como oficial do arcebispo de Colônia⁴⁵. Entre os anos de 1387 e 1401 ele atuou como padre na igreja de St. Andreas⁴⁶. Ele morreu provavelmente por esta última data pois, em uma entrada de 1402 em um Schreinsbuch, seu sobrinho Johann (III) von Hirtze, reivindica uma renda sobre a casa Hoefstof na Streitzeuggaße pela morte de seu tio *Herr* Johann von Hirtze⁴⁷.

Após este *Herr* Johann von Hirtze encontramos ainda um outro Johann von Hirtze, doutor em direito civil, morto ca. de 1426. Seus pais e relação com outros membros da família Hirtze não puderam ser esclarecidos, mas não se pode descartar a possibilidade de tratar-se de um filho ilegítimo. Apesar disso ele fez uma carreira interessante: em 1389 foi matriculado na universidade de Colônia, na qual foi posteriormente professor⁴⁸. Além disso, atuou como advogado da cúria em Colônia e também, a partir de 1423, como padre na igreja de St. Martin⁴⁹. Desde 1417 ele é mencionado também como **städtischer Rat** (*conselheiro*) de Colônia⁵⁰ e entre

⁴³ KNOD, Gustav C. (Org.). *Deutsche Studenten in Bologna* (1289-1562). Berlin: Biographischer Index zu den Acta nationis Germanicae universitatis Bononiensis, 1899, p. 85 e 84.

⁴⁴ KNOD, op. cit., p. 85.

⁴⁵ KEUSSEN, Hermann, Das Urkunden-Archiv der Stadt Köln bis zum Jahre 1450, HUA, Inventar V. in: *Mitteilungen aus dem Stadtarchiv von Köln*, Bd. 19, 1891, S. 1-101, aqui p. 98 e ENNEN, Leonard. *Geschichte der Stadt Köln, meist aus den Quellen des Kölner Stadt-Archivs.*, 5 vol., Köln und Neuß, 1863-1880. Nas próximas citações conforme o volume, aqui ENNEN, Quellen V, p. 159.

⁴⁶ BREUER, Joseph. *Die Stifts- und Pfarrkirche St. Andreas zu Köln*. Köln: 1925, p. 65.

⁴⁷ Schrb. 174/119r. Cabe lembrar que o título de *Herr* – senhor – era atribuído, entre outros, aos membros do clero, nobres ou prefeitos. Mas, nesta época, só a primeira opção se aplica aos Hirtze.

⁴⁸ KEUSSEN, Herman (Org.). *Die Matrikel der Universität Köln: 1389-1559* (Publikationen VIII). Düsseldorf: Neudruck und Weiterführung Düsseldorf, 1979-1981 (originalmente: 3 vol., Bonn, 1892-1931).

⁴⁹ *Beschlüsse des Rates der Stadt Köln, 1320-1550*, (Publikationen der Gesellschaft für Rheinisch Geschichtskunde Bd. 65), 5 vol., Bd. I editado por Manfred HUISKES, vol. 2-5 editados por Manfred Groten, Düsseldorf, 1988-1990; aqui e nas próximas citações HUISKES, *Beschlüsse* I, p. 115. Sobre o prestígio da função de pároco em Colônia vide MASCHKE, op. cit., p. 93.

⁵⁰ Vide KEUSSEN, Hermann (Bearb.), Das Urkunden-Archiv der Stadt Köln seit dem Jahr 1397, HUA, Inventar III, 1411-1420, in: *Mitteilungen aus dem Stadtarchiv von Köln*, Heft 16, 1889, S. 39-112, aqui p. 78, vide também ENNEN, op. cit., Quellen V, p. 59. O título para este cargo em alemão é *Städtischer Rat*, que designa um *funcionário* – geralmente com formação em direito – que era

suas funções – além de atuar como professor de direito civil na universidade mantida pela cidade - "ele deveria representar a cidade em questões jurídicas e em problemas que exigissem o conhecimento de direito"⁵¹, função que ele desempenhou até 1426⁵², um pouco antes da sua morte⁵³. Após este indivíduo não encontramos nenhum outro membro da família Hirtze como membro do clero.

A família Dauwe também destinou, no período analisado, 4 indivíduos para a vida religiosa. O aspecto singular desta família é que apenas mulheres foram enviadas para conventos: na primeira geração as irmãs Bela, Nesa e Aleide e na geração seguinte Nesgin, que foi freira no convento St. Agatha⁵⁴. Na família Dauwe os filhos homens foram, via de regra, aproveitados para a vida política, enquanto 4 filhas mulheres foram enviadas para conventos, e quatro não foram, das quais três casaram e uma, Clargin, morreu muito jovem⁵⁵.

Também nas outras famílias, ligadas às famílias principais por casamento, percebe-se um fenômeno semelhante. Assim, as três irmãs de Nesgin, esposa de Johann (II) von Dauwe e filhas de Godert von Lyskirchen, Catherine, Engin und Belgin foram freiras respectivamente em Engelden em Bonn, St. Gertrud e Wyer em Colônia⁵⁶. Na família von der Eren duas irmãs de Johann (I) von der Eren, ca-

contratado e atuava como um conselheiro, geralmente por longos períodos, para a cidade. Estes indivíduos não devem ser confundidos com os *Ratsherren*, também designados como *conselheiros*, mas que eram *eleitos* para desempenhar uma função política – e não remunerada - no Conselho da cidade pelo período de um ano, com possibilidade de reeleição após um intervalo de dois anos. Ao contrário dos *Ratsherren*, os *Städtischer Räte*, podiam ser vinculados à igreja como clérigos.

⁵¹ ENNEN, op. cit., Quellen V, p. 59. Também Stein se pronuncia neste sentido: "in Köln waren im 15. Jahrhundert vielfach die Rechtslehrer der Universität zugleich die geschworenen Räte der Stadt", STEIN, STEIN, Walter. *Deutsche Stadtschreiber im Mittelalter*. In: *Beiträge zur Geschichte vornehmlich Kölns und der Rheinlande. Zum achtzigsten Geburtstag Gustav von Mevissens*. Köln: Dargebracht von dem Archiv der Stadt Köln, 1895, p. 27-70. Aqui, p. 47.

⁵² KEUSSEN, Hermann (Bearb.), *Das Urkunden-Archiv der Stadt Köln seit dem Jahr 1397*, HUA, Inventar IV, 1451-1430, in: *Mitteilungen aus dem Stadtarchiv von Köln*, Heft 18, 1889, p. 56-114. Aqui p. 90-91.

⁵³ KEUSSEN, op. cit., Nr. 226.

⁵⁴ Schrb. 169/134r, 8/137v e 164/153v.

⁵⁵ Em várias entradas do ano de 1472 nos Schreinsbücher ela ainda é mencionada como menor de idade (Schr. 181/129r, 213/131v e 227/21r). Em uma entrada do ano 1480 ela é mencionada como morta, Schrb. 213/144r. O irmão dela, Johann (III) von Dauwe, pelo contrário, morreu bem mais tarde, entre os anos 1504 e 1512.

⁵⁶ Schrb. 129/104v e 129/105r.

sado com Catherine von Hirtze, Bela e Blitza, foram freiras no convento de St. Mauricius⁵⁷. Na família Rummel, parentes dos Dauwe, os quatro filhos de Johann Rummel, Wilhelm, Margareth, Drutgin e Stingin, também foram destinados à vida religiosa⁵⁸. Também as netas de Jacob (I) von Dauwe, filhas de Belgin e Otto Butschoe⁵⁹ foram destinadas para a vida religiosa: Catherine von Butschoe, foi freira no convento de St. Maria e Nesgin von Butschoe foi freira no convento de St. Agatha⁶⁰.

A família Wasservasse, a mais jovem e a menor das famílias pesquisadas, não destinou nenhum dos seus filhos ou filhas legítimos para a vida religiosa. Isso certamente não significa que esta família era menos religiosa que as demais, pelo contrário, temos notícia da atuação de alguns de seus membros como patronos da arte e de igrejas, especialmente a igreja paroquial de St. Columba, onde vivia a maior parte desta família. Gerhard (I) von Wasservasse, o patriarca desta família, foi provedor dos Hospitais St. Johann na Breiterstrasse e Sta. Cruz na Ehrenstrasse, bem como do leprosário de Melaten⁶¹, além de mestre da igreja de St. Columba em 1417⁶². Seu filho Godert (II) von Wasservasse foi provedor da Capela St. Johann na Breiterstraße em 1454⁶³. O filho deste, Godert (II) foi, como seu avô, mestre da igreja de St. Columba em 1488⁶⁴ e, no ano seguinte, provedor do Hospital do Espí-

⁵⁷ Schrb. 129/86r.

⁵⁸ Wilhelm foi membro da ordem dos dominicanos, Margareth freira no convento Seine, Drutgin e Stingin freiras em Zyssendorp, Schrb. 133/159v.

⁵⁹ Schrb. 164/204r, 468/150v, 468/152v e 181/108v.

⁶⁰ Schrb. 164/204r, 181/108v, 468/150v e 468/152v.

⁶¹ GROTEN, Manfred. Gerhard vom Wasservaß (um 1450-1520). In: *Jahrbuch des Kölnischen Geschichtsvereins*, 52, 1981, p. 93-130; Aqui, p. 95.

⁶² Schrb. 164/62v. Os cargos honoríficos de Provedor e *Kirchenmeister* (mestre da igreja, em uma tradução literal) eram, normalmente, exercidos por leigos abastados, que supervisionavam os gastos e doações para igrejas e instituições de caridade. Vide WEILANDT, Gerhard, *Die Sebalduskirche in Nürnberg: Bild und Gesellschaft im Zeitalter der Gotik und Renaissance* (Studien zur internationalen Architektur- und Kunstgeschichte; 47). Petersberg: Imhof Verlag, 2007, 782 p. Também no Brasil colônia encontravam-se indivíduos desempenhando estas funções, vide, por exemplo, a tese de BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Tribulações do Povo de Israel na São Paulo Colonial*. São Paulo, 2006. 270 p. Disponível em:

http://www.catedra-alberto-benveniste.org/_fich/17/TESE_MARCELO_MEIRA_AMARAL_BOGACIOVAS.pdf

⁶³ Schrb. 230/3r.

⁶⁴ Schrb. 174/210v.

rito Santo⁶⁵. E, na quarta geração da família Wasservasse, em fins do século XV e início do XVI temos ainda Gerhard (III) von Wasservasse que, em 1489, foi, assim como seu pai Godert (II), provedor do Hospital do Espírito Santo⁶⁶ e mestre da igreja de St. Columba, em 1500⁶⁷, 1504⁶⁸ e 1513⁶⁹.

Apesar deste engajamento da família Wasservasse com sua igreja paroquial de St. Columba e com outras instituições religiosas e caritativas, nesta família, que também doou rendas⁷⁰ e até mesmo uma capela na igreja de St. Columba⁷¹, o único indivíduo com este nome que seguiu uma carreira religiosa foi um Gerhard von Wasservasse, cuja filiação é incerta. Ele foi cônego em St. Aposteln e a única referência encontrada a ele foi no testamento de Godert (IV) von Wasservasse, de 1518⁷². É possível que ele tenha sido um dos filhos ilegítimos de Gerhard (III) von Wasservasse. A vida religiosa era uma via interessante para um filho ilegítimo, para quem a participação na política não era permitida⁷³.

Estes exemplos são importantes por revelarem um padrão, que mostra que a escolha por carreiras religiosas para os filhos estava indissociavelmente ligada às estratégias de manutenção de poder e da riqueza familiar. As famílias Hirtze e Dauwe utilizaram a estratégia de destinar vários filhos para a vida religiosa, de modo que o patrimônio familiar não fosse muito reduzido através das divisões frequentes, sendo que na família Dauwe, apenas as filhas mulheres foram enviadas para conventos. A questão de porque em geral mais mulheres que homens

⁶⁵ Schrb. 165/31r.

⁶⁶ Schrb. 165/31r.

⁶⁷ Schrb. 170/5r-5v.

⁶⁸ Schrb. 170/17r.

⁶⁹ Schrb. 170/36r.

⁷⁰ Gerhard (III) von Wasservasse e sua esposa Catherine doam rendas da cidade para o Hospital St. Johannes em 1502, vide KUPHAL, Erich, *Das Urkunden-Archiv der Stadt Köln bis zum Jahre 1505*, HUA, Inventar VII. in: *Mitteilungen aus dem Stadtarchiv von Köln*, Bd. 39, 1928, p. 4-171, aqui p.155.

⁷¹ SCHMID, op. cit., p. 241.

⁷² Testamento W 3-101.

⁷³ Como é o caso, por exemplo, do conselheiro Johann von Roide, acusado de ser filho ilegítimo: V+V n 498A, fl. 1v-2r, editado em *STADTRAT, STADTRECH, BÜRGERFREIHEIT: Ausstellung aus Anlaß des 600. Jahrestages des Verbundbriefes von 14. September 1396*. HASTK, Köln, 1996, p. 42. Vide também STEIN, Walther (Org.). *Akten zur Geschichte der Verfassung und Verwaltung der Stadt Köln im 14. und 15. Jahrhundert* (Publ., Bd.10), Bonn: Hermann Behrendet, 2 vol., 1893-95.

eram destinados para a vida religiosa pode ser respondida com a piora da situação das mulheres na Idade Média tardia. Devido à preocupação com a fragmentação do patrimônio familiar a relação entre o dote das mulheres e o que elas recebiam de seus esposos tornou-se cada vez mais desigual. A cidade de Gênova chegou a definir o valor da arras em um quarto do valor do dote da noiva⁷⁴. O resultado é que era mais difícil casar uma filha do que um filho. Por isso:

casas religiosas para mulheres eram insuficientes para receber todas aquelas que desejavam entrar. Nas cidades de Flandres e da região do Reno, a partir de fins do século XII, mulheres solteiras atingiram números extraordinários, agravando o que os historiadores tradicionalmente chamam a Questão das Mulheres⁷⁵.

No caso dos Wasservasse, a mais jovem e menor das três famílias principais deste trabalho, este problema não se manifesta. Todos os filhos e filhas foram necessários para garantir a participação política da família – no caso dos filhos⁷⁶ – ou, no caso das mulheres, para conseguir alianças com outras famílias. Pois, acima de tudo, era necessário conseguir o equilíbrio entre ter muitos filhos e empobrecer ou ter poucos e vivenciar a extinção da linha principal⁷⁷, a linha masculina, que dava continuidade ao nome da família⁷⁸.

⁷⁴ HERLIHY, op. cit., p. 100.

⁷⁵ HERLIHY, op. cit., p. 102. “religious houses for women were too few to receive all those who wished to enter. In the towns of Flanders and the Rhineland, from the late twelfth century, unmarried, unmarried women reached extraordinary numbers, raising what historians traditionally call the Frauenfrage”.

⁷⁶ Com exceção de Gerhard (II) von Wasservasse, todos os homens desta família até a terceira geração fizeram política. Apenas na quarta e quinta geração surgem indivíduos que não fizeram esta opção.

⁷⁷ Larhrkamp afirma que em Münster a diminuição do número de famílias patrícias se deve ao hábito – repetido em cada geração – de tornar os filhos mais jovens membros do clero, LAHRKAMP, Helmut. Das Patriziat in Münster. In: RÖBLER, H. (Org.), *Deutsches Patriziat: 1430-1740*, (Schriften zur Problematik der deutschen Führungsschichten in der Neuzeit, Bd. 3). Limburg/Lahm: C.A. Starke, 1968, p. 195-207, Aqui, p. 197. Em Colônia um exemplo conhecido é o da família Overstolz, cujo último representante, Werner, entra para a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos no século XV, causando a extinção da família.

⁷⁸ Como mais tarde aconteceria com a família Wasservasse, que se extingue como linhagem masculina em meados do século XVI.

A preocupação com este equilíbrio pode ser reconhecida nos Schreinsbücher, que revelam uma tendência no sentido dos membros do clero deixar sua parte dos bens herdados para irmãos ou pais, já que, com sua entrada para um convento – que também exigia uma espécie de dote – ficavam com a sua sobrevivência garantida. Nos testamentos também se encontra casos deste tipo com a expressão “sich abfinden”/ “dar-se por satisfeito”, a mesma expressão utilizada quando se menciona filhos que, devido ao casamento, já haviam recebido sua parte da herança.

Também corrobora esta interpretação o uso frequente da formulação que um dos pais – geralmente a mãe viúva – utilizavam em juízo para obter o direito a dispor dos bens da família, cuja propriedade era das crianças. A justificativa para isso era o “noitdurf”/“necessidade” e o argumento de que as crianças ficariam em melhor situação se algumas delas fossem entregues para a igreja. Assim argumenta, por exemplo, Antonius Vogleti em 1410: “que seus filhos em estado leigo ficariam melhor se ele enviasse sua filha Belgin para o convento de St. Agatha, os custos para isso sendo de 400 marcos”⁷⁹.

Rüthing constatou que em Höxter:

os membros do clero (...) eram {recrutados} de todos os grupos sociais. mas as freiras {eram encontradas} apenas nas famílias mais ricas. Iniciativa própria apenas não era capaz de garantir um lugar nos conventos em Höxter para estas jovens mulheres, a proteção da família para isso era imprescindível.⁸⁰

Erika Uitz também defende esta posição ao afirmar que:

[para] garantir a viabilidade econômica dos conventos, a entrada de mulheres foi orientada de tal modo que as candidatas provinham de famílias ricas e dispostas a doar, que poderiam pagar a entrada no convento com o dote exigido (...) Deste modo a maior parte dos conventos femininos ficou reservado para as filhas da nobreza e do patriciado urbano⁸¹.

⁷⁹ “dat synen weltlichen Kinder bas gedan dan gelassen sy dat hie Beelgin syne doichter geistlich machte und zu St. Agathe an dat Closter [schickt] ... die Cost daevur geburente 400 mark”. Schrb. 190/10r.

⁸⁰ RÜTHING, op.cit., p. 312.

⁸¹ UITZ, Erika. *Die Frau in der mittelalterlichen Stadt*, Freiburg: Herder u.a., 1992, p. 177.

Em Colônia a situação não era diferente e existiam até mesmo doações para ajudar jovens a entrar na vida religiosa, como vemos no testamento de Peter Rinck⁸². Esta nova forma de caridade cristã não era exclusiva de Colônia, mas tem relação com o que Herlihy chama “inflação dos dotes”⁸³. Devido a isso: “contribuições para o dote de jovens mulheres, possibilitando-lhes o casamento, emergem como um ato comum de caridade cristã a partir do século XIII”⁸⁴.

O fato que algumas famílias até mesmo vendessem bens imóveis para poder enviar suas filhas para um convento é um indício da importância que revestia este tipo de ato e também que essa estratégia era utilizada porque era mais barato do que dotá-las de acordo com o seu status, opinião também expressa por François Autrand⁸⁵. Em uma entrada de 1417 de um Schreinsbuch de St. Alban, Metzgin, viúva de Hermann von Wesel solicita ao conselho da cidade de Colônia o direito de vender a casa Vlotschiff para “com o dinheiro decorrente tornar suas filhas Lysbeth e Mesgin freiras”⁸⁶, com o argumento que isso era o melhor para seus dois filhos, Ludwich e Hermann. A conclusão lógica é que, deste modo, haveria mais recursos para estes filhos que permaneceram como leigos⁸⁷. Também é visível a preocupação em manter os dons para conventos em determinados níveis, como se pode perceber no testamento de Heinrich Suderman e sua esposa Drutgin. Entre as disposições deste testamento de 1487 lê-se que: “Uma filha [de Heinrich] com Drutgin recebe uma renda vitalícia de 40 Gulden, com a qual ela e o convento devem se contentar. Caso o convento não esteja de acordo, esta filha deve ser colocada em outro convento que concorde [com o valor da renda]”⁸⁸.

Isso não significa, no entanto, que as motivações religiosas estivessem ausentes da vida e das práticas testamentárias e das doações da elite da cidade de

⁸² IRSIGLER, Frank. Peter Rinck († 8. Februar 1501). In: POLL, B. (Org.). *Rheinische Lebensbilder*, Bd. 6. Köln: 1977, p. 55-69. Aqui, p. 65.

⁸³ HERLIHY, op.cit, p. 99.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ AUTRAND, Françoise. Le mariage et ses enjeux dans le milieu de robe parisien XIVE-XVe siècles, In: ROUCHE, Michel ; HEUCLIN, Jean (Orgs.). *La femme au moyen-âge*. Maubeuge/Paris : Ed. par M. Rouche et Jean Heuclin, 1990, p. 407-429. Aqui, p. 416.

⁸⁶ Schrb. 77/16v.

⁸⁷ Um caso semelhante é mencionado por François Autrand: “il promet d’augmenter la part d’heritage de son fils, en mettant deux de ses filles en religion” AUTRAND, op. cit., p. 416.

⁸⁸ KUSKE, op. cit., Quellen III, p. 347.

Colônia. Mas, ao contrário do que podemos pensar, estas não eram as únicas preocupações destes indivíduos. Naturalmente os homens e mulheres da Idade Média davam muito valor à religião e estavam preocupados com a vida após a morte, como é evidente nas doações pias, frequentes nos testamentos.

Quando estes recursos doados à causa da igreja – para as missas eternas, altares e outros – eram administrados por clérigos da família ou conhecidos, era ainda melhor: tinha-se a garantia de que seriam bem aproveitados. Além disso, penso ser possível traçar um paralelo entre a sociedade feudal dividida entre *oratores*, *laboratores* e *belatores* e com a cidade medieval que, muitas vezes, apresenta uma divisão semelhante nas famílias poderosas, nas quais alguns dos filhos eram destinados ao *clero*, outros ao *comércio* e outros à *política*. Essa divisão aparece não apenas em muitas das famílias de Colônia, mas também em outras cidades, como Burgos, onde Teofilo Ruiz mostra um desenvolvimento semelhante analisando as famílias Sarracin e Bonifaz⁸⁹. Embora não se possa falar de um método consciente, o fato é que, deste modo, as famílias da elite conseguiam colocar muitas vezes seus representantes em diferentes e importantes posições na cidade, além de garantir sua sobrevivência, prestígio e poder.

Não é objetivo desta apresentação contestar a questão do papel da religiosidade na vida dos homens e mulheres da Idade Média. Este é um aspecto bem conhecido, estudado e documentado. Objetivo aqui foi mostrar que essa religiosidade, em fins da Idade Média, não era absolutamente determinante para todos os indivíduos. Que ela pode e deve ser contextualizada para ser mais bem compreendida. Quanto à pergunta inicial – uma provocação – responderia: religiosidade e cálculo político: ambos faziam parte do cotidiano medieval das famílias da elite e mesmo de outras de menos posses, mas com certo status a preservar.

⁸⁹ RUIZ, Teofilo. Two Patrician Families in Late Medieval Burgos: The Sarracin and the Bonifaz, in: RUIZ, T. (Ed.). *The City and the Realm: Burgos and Castile 1082-1492*. Aldershot: 1992, p. 1-15, p. 3.